



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/06/2024 e 13/06/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/06/2024	11,79	360,70	43,63	6,27	4,48
10/06/2024	11,88	368,00	43,66	6,07	4,51
11/06/2024	11,78	359,30	43,67	6,26	4,49
12/06/2024	11,77	360,20	43,79	6,17	4,54
13/06/2024	11,89	368,30	43,86	6,20	4,58
Média	11,82	363,30	43,72	6,19	4,52

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	123,00	
RS – Não Me Toque	123,00	
RS – Londrina	123,00	
PR – M.C.Rondon	123,00	
MT – C.N.Parecis	117,00	
MS – Maracaju	125,00	
GO - Rio Verde	116,00	
BA – L.E.Magalhães	118,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	62,00	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	55,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – M.C.Rondon	49,00	
PR – Londrina	49,00	
MT – C.N.Parecis	35,00	
MS – Maracaju	49,00	
SP – Itapetininga	57,00	
SP – Campinas	59,00	CIF
GO – Rio Verde	46,00	
GO – Jataí	SC	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	66,00	
RS – Não Me Toque	67,00	
PR – Londrina	75,00	
PR – M.C.Rondon	75,00	

Período: 12/06/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/06/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	56,98	122,05	67,06

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/06/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	112,65
Feijão (saco 60 Kg)	271,25
Sorgo (saco 60 Kg)	ND***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,12
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,44**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,44

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Abril/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, nesta semana, oscilaram bastante, porém, o comportamento esteve muito ligado às expectativas do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/06.

Assim, o fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 11,89/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 12,00 uma semana antes. Lembrando que no dia anterior, 12/06, o fechamento havia sido de US\$ 11,77. Nota-se, nestes primeiros dias de junho, um forte recuo no valor do farelo de soja em Chicago.

O relatório pouco trouxe de novidades em relação a maio, com a expectativa da nova safra de soja dos EUA permanecendo em 121,1 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais daquele país, para 2024/25, foram aumentados em 270.000 toneladas, ficando em 12,38 milhões de toneladas. Já em termos mundiais, a produção global, para o novo ano comercial, foi mantida em 422,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais sofreram um recuo de 600.000 toneladas, para ficarem em 127,9 milhões de toneladas. As produções do Brasil e da Argentina foram mantidas em 169 e 51 milhões de toneladas respectivamente, enquanto a do Paraguai continuou em 10,7 milhões. Já as importações chinesas de soja, neste novo ano, estão projetadas em 109 milhões de toneladas, não sofrendo alterações sobre o indicado em maio passado. Assim, o preço médio da soja, ao produtor dos EUA, foi mantido em US\$ 11,20/bushel para 2024/25.

Dito isso, o plantio da soja, nos EUA, atingia a 87% da área esperada, no dia 09/06, contra a média de 84%. Cerca de 70% da área estava germinada, contra 66% na média histórica. Em termos das condições das lavouras, 72% estavam entre boas a excelentes, contra apenas 59% um ano atrás nesta data.

Em paralelo, os EUA, na semana encerrada em 06/06, embarcaram 231.002 toneladas de soja, volume este levemente acima do nível mínimo esperado pelo mercado. No somatório do atual ano comercial, o volume chega a 40,5 milhões de toneladas, ou seja, 17% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado da demanda mundial, a China informou que importou 10,22 milhões de toneladas de soja em maio passado. Tais compras recuaram 15% em relação ao recorde atingido em maio de 2023, e também ficaram abaixo do esperado pelo mercado. Nos primeiros cinco meses de 2024 a China importou 37,4 milhões de toneladas de soja, ou seja, 5,4% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior. A maior parte das importações chinesas de soja, neste ano, são oriundas do Brasil. Em tal contexto, vale salientar que a China recebeu 50.000 toneladas de soja brasileira livre de desmatamento e conversão, em 31/05, sendo que o país está "procurando obter produtos mais sustentáveis, o que, segundo os agentes do setor, é um marco para um país que prioriza o preço em detrimento da sustentabilidade em suas importações agrícolas.". Enfim, a primeira lei de segurança alimentar da China, com o objetivo de alcançar a "autossuficiência absoluta" em grãos básicos, entrou em vigor neste início de junho, reforçando os esforços para reduzir sua dependência de compras no exterior. (cf. Administração Geral de Alfândega da China)

Em paralelo, os produtores rurais estadunidenses estão solicitando aos políticos de seu país que não incluam os alimentos em uma eventual guerra comercial com a China, a qual parece estar novamente próxima. Para se ter uma ideia, no mês passado, o governo dos EUA impôs tarifas pesadas sobre produtos chineses, de seringas a baterias, levantando preocupações de que isso poderia prejudicar ainda mais as já instáveis exportações agrícolas dos Estados Unidos para a China. Pequim prometeu retaliação, chamando a medida de "bullying". Lembrando que desde a guerra comercial sob a administração Trump, os EUA perderam significativamente sua participação no mercado chinês, com os embarques de produtos como soja, sorgo e carne suína sendo atingidos. (cf. Reuters)

E no Mercosul, o Paraguai exportou, em maio, 1,13 milhão de toneladas de soja, com um aumento de 34% sobre abril. Mais uma vez, os embarques paraguaios foram paralisados nos últimos meses devido aos baixos níveis dos rios, fundamentais para as barcas que transportam os grãos. A situação começou a melhorar em maio. Até o final de maio, as exportações totais de soja paraguaia, no corrente ano, atingiram a 4,6 milhões de toneladas. Dentre seus compradores, o Paraguai conta com a Argentina, principal exportador mundial de farelo e óleo de soja. O ciclo de maior esmagamento argentino seria entre julho e agosto. Mas a seca no Pantanal atinge a vazão do rio Paraguai e complica as exportações do vizinho país. Segundo a Câmara Paraguaia de Exportadores de Sementes Oleaginosas e Grãos (CAPECO), "o nível do rio Paraguai perto do principal porto de grãos de Villeta, ficou em 0,85 metros no dia 10/06, de acordo com dados oficiais, bem abaixo dos 3,5 metros de um ano atrás, embora melhor do que em março, quando estava perto de zero.". Lembrando que as "hidrovias que transportam barcas para os portos marítimos a jusante na Argentina e no Uruguai são essenciais para o Paraguai. Quase todas as 4 milhões de toneladas de soja que ainda serão exportadas nesta temporada devem ser transportadas por via fluvial, pelo vizinho país."

Em paralelo, na Argentina as vendas de soja melhoraram, subindo para 20,2 milhões de toneladas no início da presente semana, ou seja, 40,7% do total a ser exportado. Com expectativa de colher 49,7 milhões de toneladas de soja neste ano, até o final da semana anterior 94% da área argentina havia sido colhida. (cf. Reuters)

E no Brasil, puxados por um câmbio que levou o Real a R\$ 5,40 por dólar durante a semana, os preços melhoraram. As principais praças gaúchas voltaram a registrar R\$ 123,00/saco, enquanto nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 116,00 e R\$ 125,00/saco.

Com isso, a comercialização da atual safra acelera, com o total atingindo a 64,6% da produção calculada, até o dia 10/06, contra 56,7% no mesmo período do ano anterior e contra 70,1% na média histórica. Já em relação à futura safra 2024/25, que começa a ser semeada em setembro, as vendas estariam em 9,9% de um total esperado na colheita de 149,7 milhões de toneladas, sendo que a média para o período é de 17,6%. (cf. Safras & Mercado)

No Mato Grosso, a comercialização da futura safra de soja teria atingido a 16,5% na atual semana, sendo que o total a ser colhido está projetado em 43,7 milhões de toneladas, ou seja, 11,8% acima do colhido nesta última safra. O preço obtido para esta futura safra está em R\$ 108,11/saco naquele Estado, com aumento de 4,5% sobre

a média de maio passado. Mesmo assim, o volume já vendido está abaixo da média histórica, para a data, que é de 26,4%. Por outro lado, a comercialização da recente safra colhida chegou a 77,9% do total.

Ainda durante a semana, a Secex informou que o Brasil exportou 724.700 toneladas de soja ao dia, na primeira semana de junho, representando uma alta de 10,7% sobre a média do mesmo mês completo do ano passado.

Enfim, na semana pesou sobre o mercado nacional as incertezas sobre a Medida Provisória 1.227/24 proposta pelo governo federal no início de junho. A mesma altera a forma como os créditos do PIS/Cofins podem ser utilizados, penalizando o setor produtivo em geral. O mercado da soja praticamente paralisou nesta semana, devido a isso, pois a aplicação de tal medida fará com que as empresas retirem do produtor, no preço pago ao mesmo, algo entre R\$ 5,00 a R\$ 8,00/saco. As primeiras análises indicam que, no curto prazo, a medida é altista para a formação do preço da soja safra velha, porém, no longo prazo, se aprovada, a medida é baixista para a formação do preço da soja, sobretudo na origem (desconto via prêmios no mercado interno). (cf. Brandalizze Consulting e Amius) Por enquanto, as discussões políticas sobre o assunto prosseguem no país e nada está definido.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, se mantiveram relativamente estáveis, com o fechamento desta quinta-feira (13) ficando em US\$ 4,58/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 4,53 uma semana antes.

O relatório do USDA, divulgado no dia 12/06, também aqui trouxe poucas novidades em relação ao anunciado em maio. Assim, para o novo ano comercial 2024/25, a produção estadunidense de milho ficou mantida em 377,5 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais não se alteraram, permanecendo em 53,4 milhões de toneladas. Já a produção mundial de milho foi elevada em quase um milhão de toneladas, atingindo a 1,220 bilhão de toneladas. Por sua vez, os estoques finais globais, no novo ano, chegariam a 310,8 milhões, ou seja, um recuo de quase dois milhões sobre o indicado em maio passado. A produção do Brasil e da Argentina foram mantidas em 127 e 51 milhões de toneladas respectivamente, com o Brasil devendo exportar um volume total de 49 milhões de toneladas em 2024/25. Assim, o preço médio do cereal, aos produtores estadunidenses, no novo ano comercial, está estimado em US\$ 4,40/bushel, repetindo o valor indicado em maio passado.

Dito isso, a área semeada com milho, nos EUA, até o dia 09/06, chegava a 95% do total, contra 84% na média histórica para a data. Já as condições das lavouras semeadas mostravam-se com 74% entre boas a excelentes.

Por outro lado, os embarques estadunidenses de milho atingiram a 1,34 milhão de toneladas na semana encerrada em 06/06, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total já embarcado, no atual ano comercial, chega a 39,1 milhões de toneladas, ou seja, 26% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho cederam um pouco nesta semana. A média gaúcha ficou em R\$ 56,98/saco, enquanto as principais praças continuam praticando R\$ 55,00. Nas demais regiões brasileiras, os preços oscilaram entre R\$ 35,00 e R\$ 58,00/saco. Já na B3, os contratos iniciais oscilaram entre R\$ 58,74 e R\$ 69,74/saco no fechamento do dia 12/06. O recuo nos preços do milho vem na esteira de uma aceleração na colheita da safrinha, mesmo que esta venha menor do que o inicialmente esperado. Ao mesmo tempo, a demanda está recebendo lotes negociados antecipadamente ou prioriza os estoques existentes, atuando pouco, neste momento, no mercado disponível da nova safra.

Neste sentido, a colheita da safrinha do Centro-Sul brasileiro atingia a 10,4% da área, contra 2,2% no mesmo período do ano passado, segundo a consultoria AgRural. Todavia, a Conab informa uma área menor já colhida, apontando 7,5% da área total, contra 1,7% em igual momento de 2023. Segundo o órgão público, o Mato Grosso havia colhido 11,2%, o Paraná 7%, o Mato Grosso do Sul 5%, Tocantins 3% e Goiás 2,5% no final da semana anterior.

Registra-se uma redução das chuvas no Norte e Noroeste do Paraná, o que vem prejudicando as lavouras da safrinha local, assim como Mato Grosso do Sul e Minas Gerais também estão enfrentando clima seco e quente.

Ao mesmo tempo, ainda segundo a Conab, a colheita da primeira safra 2023/24 teria atingido a 85,2% do total previsto. Os Estados mais avançados na colheita são: São Paulo, Paraná e Santa Catarina (100%), Minas Gerais e Goiás (99%), Rio Grande do Sul (95%), Bahia (81%), Piauí (48%) e Maranhão (30%).

Especificamente no Mato Grosso, a colheita da segunda safra, até o dia 07/06, atingia a 10,7% da área total, contra a média histórica de 9,2%. No ano passado, nesta época, a mesma atingia a apenas 3,6% da área semeada. O Mato Grosso espera colher um total de 45,8 milhões de toneladas de milho nesta safra 2023/24. Mesmo assim, 12,8% a menos do que o colhido no ano anterior, a partir de uma redução de 7,3% na área plantada e de 5,8% na produtividade média obtida. (cf. Imea)

Já no Paraná, segundo o Deral, 13% das lavouras da segunda safra estavam colhidas no final da semana anterior, sendo que das restantes, 66% estavam em maturação. Ao mesmo tempo, das lavouras a serem colhidas, 52% estavam em boas condições, 31% regulares e 17% ruins, repetindo o quadro da semana anterior.

E no Rio Grande do Sul, 94% da safra de verão de milho estava colhida até o dia 06/06, ficando este percentual exatamente dentro da média histórica. (cf. Emater)

Enquanto isso, a Secex indicou que o Brasil exportou 175.306 toneladas de milho na primeira semana de junho, com tal volume representando 16,9% do total exportado em todo o mês de junho do ano passado. A média diária, dos primeiros cinco dias úteis de junho, registrou um recuo de 28,8% em relação a média de junho de 2023.

Por sua vez, a Anec estima que, neste mês de junho, o país deverá exportar 1,05 milhão de toneladas de milho.

Enfim, o Imea apontou que a comercialização da safrinha mato-grossense de 2023/24 teria chegado a 37,4% do total nesta semana, sendo que o preço médio atingiu a R\$ 37,92/saco.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado, em Chicago, registrou novo recuo nos valores do trigo, confirmando o forte momento especulativo de duas semanas atrás, quando o produto chegou a bater em US\$ 7,00/bushel. Nesta atual semana, após o produto recuar para US\$ 6,07 no dia 10/06, o fechamento do dia 13/06 ficou em US\$ 6,20/bushel. O relatório do USDA, mais favorável à produção russa, e o próprio anúncio da Rússia de que, apesar da quebra de safra, irá honrar os compromissos de exportação do cereal, derreteram as cotações em Chicago nesta semana.

Quanto ao relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/06, para dados referentes ao ano comercial 2024/25 tem-se uma estimativa de safra total estadunidense de 51,02 milhões de toneladas, com aumento de quase 500.000 toneladas sobre maio. Já os estoques finais nos EUA ficariam em 20,6 milhões de toneladas, praticamente sem mudanças sobre o mês anterior. Ao mesmo tempo, a produção mundial seria de 790,8 milhões, recuando em torno de 8 milhões sobre o projetado em maio. E os estoques finais mundiais perderiam cerca de 1,4 milhão de toneladas, caindo para 252,3 milhões de toneladas. Já a produção do Brasil e da Argentina, nesta nova safra de trigo, chegaria a 9,5 e 17,5 milhões de toneladas, respectivamente. Com isso, o preço médio do bushel de trigo, aos produtores estadunidenses, fica estimado em US\$ 6,50, contra US\$ 6,00 em maio. Detalhe importante: a produção da Rússia foi reduzida para 83 milhões de toneladas, ficando um pouco melhor do que os analistas russos vêm informando, contra 88 milhões estimadas em maio e 91,5 milhões efetivamente colhidas no ano anterior. Já as exportações russas ficariam em 48 milhões de toneladas, contra 52 milhões estimados em maio e 54 milhões efetivamente realizadas no ano anterior.

Dito isso, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 12% da área no dia 09/06, contra 6% na média histórica. Por outro lado, as condições das lavouras deste trigo, ainda a serem colhidas, apresentavam-se com 47% entre boas a excelentes, 34% regulares e 19% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera, naquele país, estava semeado em 98% da área, naquela data, contra 96% na média. Por sua vez, 87% da área plantada já estava com trigo germinado, sendo que as condições das lavouras deste trigo apresentavam-se com 72% entre boas a excelentes, 25% regulares e 3% ruins.

Por outro lado, os embarques de trigo, por parte dos EUA, na semana encerrada em 06/06, somaram 352.202 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Assim, no acumulado do atual ano comercial, iniciado em 1º de junho para o cereal, o total fica 7% abaixo do embarcado em igual momento do ano anterior.

Ainda no front externo, a Rússia declarou estado de emergência em 10 regiões produtoras de trigo, devido às geadas de maio, porém, esta realidade não irá prejudicar suas exportações do cereal.

Neste sentido, o vice-ministro russo da Agricultura, Andrei Razin, disse, no final da semana passada, que o impacto dos problemas climáticos sobre a produção agrícola seria minimizado e que Moscou cumpriria todos os seus compromissos de exportação. (cf. TASS)

Lembrando que a consultoria russa IKAR reduziu sua previsão de safra para 81,5 milhões de toneladas, com um recuo de 12% desde meados de março, contra 93 milhões colhidas no ano passado. Já a estatal Sovecon reduziu sua previsão para 80,7 milhões de toneladas a serem colhidas, contra 94 milhões esperadas ainda em março passado, havendo risco de a produção final ficar até abaixo das 80 milhões de toneladas.

Na linha de honrar suas exportações de trigo, os russos iniciaram seus embarques de trigo para o Brasil, a partir de porto do Mar Báltico, no final da semana anterior. O porto de Vysotsky, por onde teriam saído as primeiras 31.000 toneladas ao Brasil, fica a 50 quilômetros da fronteira da Rússia com a Finlândia. A capacidade planejada do terminal é de 4 milhões de toneladas por ano. A Rússia estima as exportações de grãos, na atual temporada 2023/24, em 70 milhões de toneladas. Em 2023 o Brasil teria comprado 929.000 toneladas de trigo russo.

E na União Europeia e Grã-Bretanha houve elevação no volume a ser colhido em trigo macio. Serão, agora, 134,5 milhões de toneladas, porém, ainda 4% abaixo do registrado em 2023. (cf. Coceral)

Ao mesmo tempo, no Brasil, os preços do trigo se mantiveram estáveis, ainda com viés de alta. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 67,06/saco, enquanto no Paraná o produto de qualidade superior se manteve em R\$ 75,00/saco. Auxilia para a manutenção de preços mais elevados a contínua desvalorização do Real, o que encarece as importações. Aliás, neste sentido, em maio, o Brasil teria importado 657.130 toneladas de trigo, 44,6% acima do importado em abril e 132% acima do importado em maio do ano passado. Por sua vez, as exportações foram de apenas 55.200 toneladas no mês passado, ficando bem abaixo do exportado em abril e também aquém do exportado em maio de 2023. (cf. Cepea)

Até o dia 06/06 o Paraná já havia semeado 73% da área esperada de trigo, cujo total poderá ser de 1,2 milhão de hectares. Esta área pode, ainda, sofrer aumento, graças a melhoria dos preços do cereal. De fato, “em 5 de junho, a saca de trigo estava sendo comercializada a R\$ 75,00 na maioria das praças, um valor superior ao índice trimestral de custo variável, estimado em R\$ 67,41 com base nos preços de maio. Se os preços se mantiverem nesse patamar ao longo de junho, os valores recebidos podem superar os custos variáveis pela primeira vez, desde março de 2023, quando o custo da saca era de R\$ 82,84 e a média do preço recebido pelo tricultor foi de R\$ 87,37. O custo da produção de trigo está 4% inferior ao registrado na última pesquisa, realizada em fevereiro, e 8% menor que o de maio de 2023, devido principalmente à queda no preço dos fertilizantes. (cf. Deral e Mapa)